



Cão a ladrar à lua. Miró.

o elogio do otimismo

Os telejornais e os grandes órgãos de comunicação portugueses e europeus em geral despejam sobre os seus clientes vagas sucessivas de manifestações de organizações de trabalhadores e patronais. São professores, enfermeiros, agricultores, ferroviários, aviadores, médicos, polícias, uns em greve, outros em manifestações. Os temas mais comuns são, além dos habituais aumentos salariais, as contagens de tempo para a reforma (Portugal) e outros a contestação do aumento da idade da reforma (França).

Esta agitação social é apresentada pelos «simplicios» da comunicação social como reveladora de mal-estar contra os governos. Na verdade, estas manifestações revelam um grande otimismo (um inconsciente otimismo) e um generoso apoio às políticas dos governos europeus. Estas manifestações querem dizer que os seus promotores e figurantes acreditam que vivemos tempos de normalidade (da normalidade do pós-segunda guerra), mas não, **vivemos tempos de loucura e de suicídio!** Esse mundo está a morrer às mãos dos que dirigem a UE e dos que em vez de se manifestarem contra a corrida para o abismo para saltar sem paradas andam a manifestarem-se pelo que não haverá.

ERASMO DE ROTERDÃO

(1469–1536) um dos maiores intelectuais europeus do século dezasseis escreveu um livro a que deu o título ***Elogio da Loucura***, onde abordou a realidade europeia de forma irónica, usando a **loucura** como instrumento constante na vida humana. Descreveu-a num monólogo de Moria, a deusa da **loucura**. Ela dirige as cidades, os governos, a religião e a vida. Sem a **loucura** nenhuma sociedade, nenhum relacionamento feliz poderia durar. O povo cansar-se-ia do príncipe; o servo, do amo; a serva, da patroa; o professor, do aluno; o amigo, do amigo; a mulher, do marido; o hóspede, do anfitrião; *Sei que estas vos parecem enormidades, mas ainda ouvireis piores. Agora devo acrescentar que nada de grande se pode emprender sem o meu impulso, pois é a mim que se deve a invenção de todas as nobres artes.*

Sabedoria, diz Erasmo, é não querer ser mais sábio do que lhe cabe pela sorte, concordar com os costumes da multidão e participar de bom grado das fraquezas humanas. Mas, dizem, é justamente isso a **Loucura!**

Eu, por meu lado, valendo-me ora da ignorância, ora da irreflexão, às vezes fazendo esquecer os males, às vezes suscitando

esperanças de coisas favoráveis, excitando os prazeres, sou tão consoladora que ninguém quer deixar a vida. Pelo contrário, quanto menos motivos têm para permanecer vivos, mais amam a vida. Que a sua conduta costume ser considerada vergonhosa é algo que pouco importa aos meus loucos. Levar uma pedrada na cabeça, isso sim faz mal. A vergonha, a infâmia, a desonra, as ofensas são nocivas na medida que fazem sofrer. Para quem não se importa, não são sequer um mal. Que te importa se todos te vão, se tu te aplaudes? Que isso te seja possível, é algo que deves só à Loucura.

Se trocarmos **Loucura por Otimismo** percebemos porque são **otimistas**, ou loucos, os que andam por praças, ruas e calçadas a exigir contagens de tempo para a reforma, a contestar o aumento da idade da reforma, a pedir a extensão dos prazos para pagamento de empréstimos aos bancos de 30 para 40 anos, de subsídios a longo prazo se os governos já decidiram envolver os europeus numa guerra que, com elevada probabilidade, imporá aos europeus o modelo de sociedade do estado-imperial, lhes retirará o direito à reforma, substituindo-o por fundos privados. São **otimistas**, ou loucos. Tão

loucos ou tão **otimistas** como a chefe da Europa que foi à Ucrânia com uma comitiva prometer a entrada na União Europeia quando a Ucrânia é um estado sem soberania, que não produz riqueza, que não tem um sistema produtivo nem na agricultura, nem na indústria, nem nos serviços, a não ser serviços militares, em que desde os funcionários aos caixões tudo depende do estrangeiro. Cujas receitas são os “empréstimos” e ajudas. Um Estado que já perdeu mais de 20% do território, que está em vias de perder o acesso ao mar, um estado onde os cidadãos não se podem manifestar, onde à pressa e antes da chegada da comitiva de Bruxelas foram expulsos uns oligarcas, ou atempadamente aconselhados a afastarem-se por uns tempos, levando as malas com o dinheiro das ajudas, uns para Israel, outros para o Mónaco. Estamos pois perante mais uma manifestação de Loucura ou de Otimismo.

A Europa e os europeus vivem em estado de euforia, dos professores de Portugal à confraria de Bruxelas que foi vender otimismo em pó a Kiev. As manifestações de trabalhadores e patrões europeus exigindo medidas aos seus governos são uma manifestação de apoio aos governos e á loucura ou otimismo de Bruxelas. Represent-

tam a confiança que depositam na possibilidade dos governos tomarem decisões autonomamente, não sujeitas a quem os obrigou a envolver-se num conflito causador dos problemas que os manifestantes pretendem que eles resolvem! Confiam nos seus governos para garantir prestações sociais, reforma, saúde e ensino públicos, que serão substituídos pela iniciativa privada, os patrões reclamam subsídios que serão desviados para o apoio à Ucrânia e para pagar a energia mais cara aos Estados Unidos.

Ir a Kiev prometer que a Ucrânia vai entrar na UE é tão abjeto, ou hipócrita como um cangalheiro ir a casa de um doente terminal prometer-lhe umas férias de luxo. Ou, atendendo a que a senhora Von der Leyen é médica, é como ela ir prometer a um amputado dos membros inferiores a restituição das pernas perdidas e que ainda o vai admitir como primeiro bailarino da Ópera de Berlim! As Tvs transmitiram ao mundo o beijo que selou este acordo!, os **otimistas** bateram palmas com a maior alegria pela boa nova!

O jornal eletrónico *Crises 24* — especializado em análise de crises para informação de empresas e organizações — considera como

causa de agitação social acontecimentos que provoquem emoções fortes, caso de leis impopulares, aumentos de preços de produtos essenciais e a deterioração de condições económico-sociais, caso dos juros dos empréstimos para a habitação. Esqueceu-se da loucura e do otimismo!

Independentemente do resultado do confronto na Ucrânia, a Europa será um estado vassalo dos EUA e será administrada com um modelo social neoliberal, onde cada um trata de si e apenas os exércitos e os oligopólios tratam de todos. Sendo esta a realidade, a atual agitação social na Europa ou é sintoma de loucura, de inconsciência ou de euforia e otimismo. Tem a mesma racionalidade dos cães ladrarem à Lua!

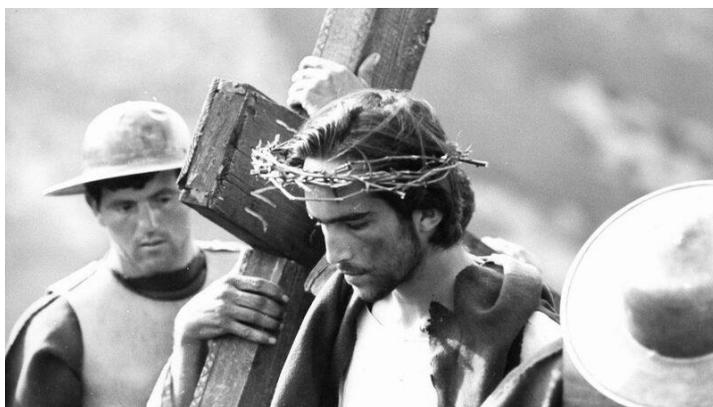
Os políticos e deputados mais ou menos esbracejantes e berrantes que clamam contra a administração da TAP, são uns **otimistas** que querem uns votos à custa de uma companhia que provavelmente deixará de existir a curto prazo. **E o otimismo irmão da loucura também infetou os que acreditam que um altar gigante nos livra de uma crise de sobrevivência.**

CARLOS MATOS GOMES. Coronel, Capitão de Abril.

estatuadesal.com/2023/02/05/o-elogio-do-otimismo/ (03/Fevereiro/2023)

A poesia do evangelho segundo Pasolini

Cinema do sagrado que fala à modernidade ou simplesmente uma das obras-primas de Pasolini, *O Evangelho Segundo São Mateus* regressa às salas em cópia restaurada. As comemorações do centenário do realizador italiano já começaram.



Regra geral, aconselha-se alguma cautela com o uso da palavra "poesia" junto de "cinema", para evitar cair na banalização. Mas se há realizador que ensaiou, na forma e na substância, um cinema tangente da poesia, o seu nome é **PIER PAOLO PASOLINI**; ele próprio um homem das letras e do pensamento, que se aproximou da arte cinematográfica como expressão última da sua visão do mundo. A oportunidade de redescobrir agora alguns dos seus filmes em sala – uma operação que começou na semana passada com a sua primeira obra, *Accattone* (1960), e prossegue com mais cinco títulos, até 12 de maio – é tão especial quanto oportuna.

Enfim, não será por causa da Páscoa que (re)ver **O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS** (1964) por estes dias se torna pertinente. Mas no contexto da rotina que dita a exibição de telefilmes sobre a vida de Jesus, narrada de fio a pavio como uma reza exaurida, esta reposição é um bálsamo. Estamos perante uma obra (-prima) de veemência absoluta, um grito primordial, que tanto nasceu de um desejo de sacudir "a burguesia estupidamente lançada para um futuro que é a destruição do homem" (dito por Pasolini), como de uma demanda pela vibração poética do cinema. O realizador seguiu essa poesia contida no texto de Mateus para idealizar um filme que em tudo escapa aos valores de produção da época e à singeleza do biopic. O **Cristo de Pasolini**, interpretado por Enrique Irazoqui, é o mito feito homem que se define pelo uso da palavra e não tanto pelo seu calvário (a Paixão é aqui uma breve passagem final e não o coração do filme).



Mas sobretudo, **O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS** vem na linha de uma concepção estético-religiosa que marcou os anteriores *Accattone* e *Mamma Roma* (1962). A saber: o enaltecimento do divino que está presente no humano, e de modo muito particular nas figuras à margem da sociedade -

essas que comoviam Pasolini e com quem ele estabeleceu laços, tornando-as a matriz desta primeira fase do seu cinema. É daí que vem a música de Bach, o espiritual negro *Sometimes I Feel Like a Motherless Child* e outros temas que na banda sonora de *O Evangelho* sublinham a vida das imagens, estas, por sua vez, inspiradas pela pintura (de Piero della Francesca, por exemplo).



Depois há os grandes planos dos rostos na paisagem, entre os quais se encontra o de Susanna Pasolini, a mãe do realizador, no papel de Maria. Esses rostos sucedem-se uns aos outros com o pathos da música a exaltar a sua transcendência, mas Pasolini não deixa de os filmar com um teor documental, como que a impedir que se tornem rostos petrificados de um "drama de época". *O Evangelho Segundo São Mateus* inscreve-se numa rutura com o mundo moderno, mas é pelo seu fôlego estilístico de modernidade que faz o mais eloquente comentário à degradação do homem nos seus fundamentos antropológicos. Foi MARTIN SCORSESE quem disse que pensou fazer uma versão contemporânea da história de Cristo, "ambientada em habitações públicas e nas ruas do centro de Nova Iorque." Mas quando viu o filme de Pasolini percebeu que "esse filme já tinha sido feito."

Inês N. Lourenço. Jornalista

<https://www.dn.pt/cultura/a-poesia-do-evangelho-segundo-pasolini--14769786.html>

Caminhos para a Fé

ORELATO É INESQUECÍVEL. É tradicionalmente chamado de «cura do cego de nascimento», mas é muito mais, porque o evangelista nos descreve a jornada interior que um homem perdido na escuridão vai fazendo até encontrar-se Jesus, «Luz do mundo».

Não sabemos o nome dele. Só sabemos que é um mendigo, cego de nascimento, que pede esmola nas imediações do Templo. Não conhece a luz. Nunca a viu. Não pode caminhar nem orientar-se por sim mesmo. A sua vida decorre na escuridão. Nunca poderá conhecer uma vida digna.

Um dia Jesus passa pela sua vida. O cego está tão necessitado que deixa que trabalhe os seus olhos. Não sabe quem é, mas confia na sua força curadora. Seguindo as suas indicações, limpa a sua vista na piscina de Silóe, e, pela primeira vez, começa a ver. O encontro com Jesus vai mudar a sua vida.

Os vizinhos vêem-no transformado. É o mesmo, mas parece-lhes outro. O homem explica-lhes a sua experiência: «Um homem chamado Jesus» curou-o. Não sabe mais. Ignora quem é e onde está, mas abriu-lhe os olhos. Jesus faz bem mesmo àqueles que só o reconhecem como homem.

Os fariseus, conhecedores da religião, pedem-lhe todo o tipo de explicações sobre Jesus. Ele fala-lhes da sua experiência: «Só sei uma coisa:

que era cego e agora vejo». Perguntam-lhe o que pensa de Jesus, e ele diz-lhes o que sente: «Que é um profeta». O que recebeu dele é tão bom que esse homem tem de vir de Deus. Assim vive muita gente simples a sua fé em Jesus. Não sabem teologia, mas sentem que este homem vem de Deus.

Pouco a pouco, o mendigo vai ficando só. Os seus pais não o defendem. Os líderes religiosos expulsam-no da sinagoga. Mas Jesus não abandona aqueles que o amam e o procuram. «Quando ouviu que tinha sido expulso, foi à procura dele». Jesus tem os seus caminhos para se encontrar com aqueles que o procuram. Ninguém o pode impedir.

Quando Jesus se encontra com aquele homem a quem ninguém parece entender, só lhe faz uma pergunta: «Acreditas no Filho do homem?» acredita no Homem novo, o Homem plenamente humano precisamente por ser encarnação do mistério insondável de Deus? O mendigo está disposto a acreditar, mas encontra-se mais cego do que nunca: «E quem é, Senhor, para que acredite nele?».

Jesus diz-lhe: «Estás a vê-lo: aquele que te está falando, isso é». Ao cego abrem-se-lhe agora os olhos da alma. Prostra-se ante Jesus e diz-lhe: «Acredito, Senhor». Só ouvindo Jesus e deixando-nos conduzir interiormente por ele vamos caminhando em direcção a uma fé mais completa e também mais humilde.

José Antonio Pagola (4º Quaresma)